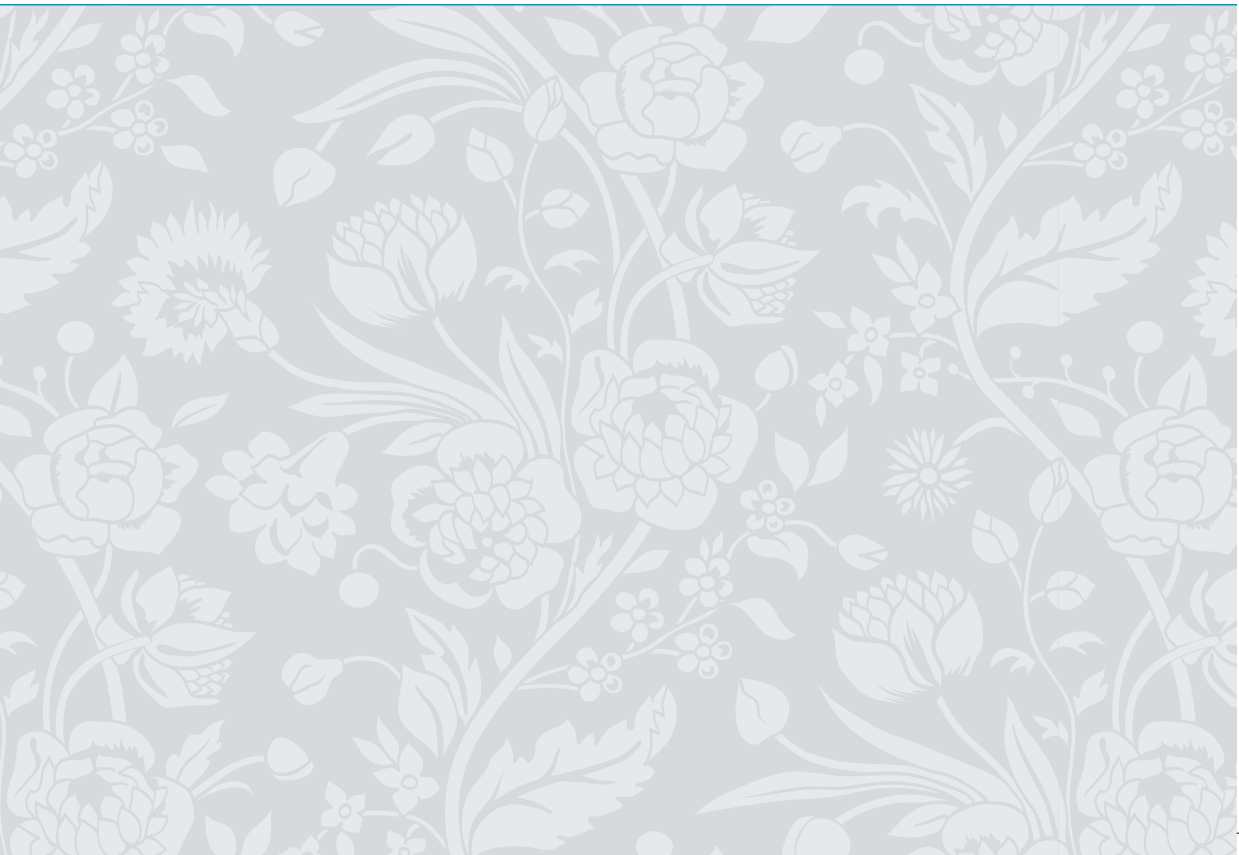
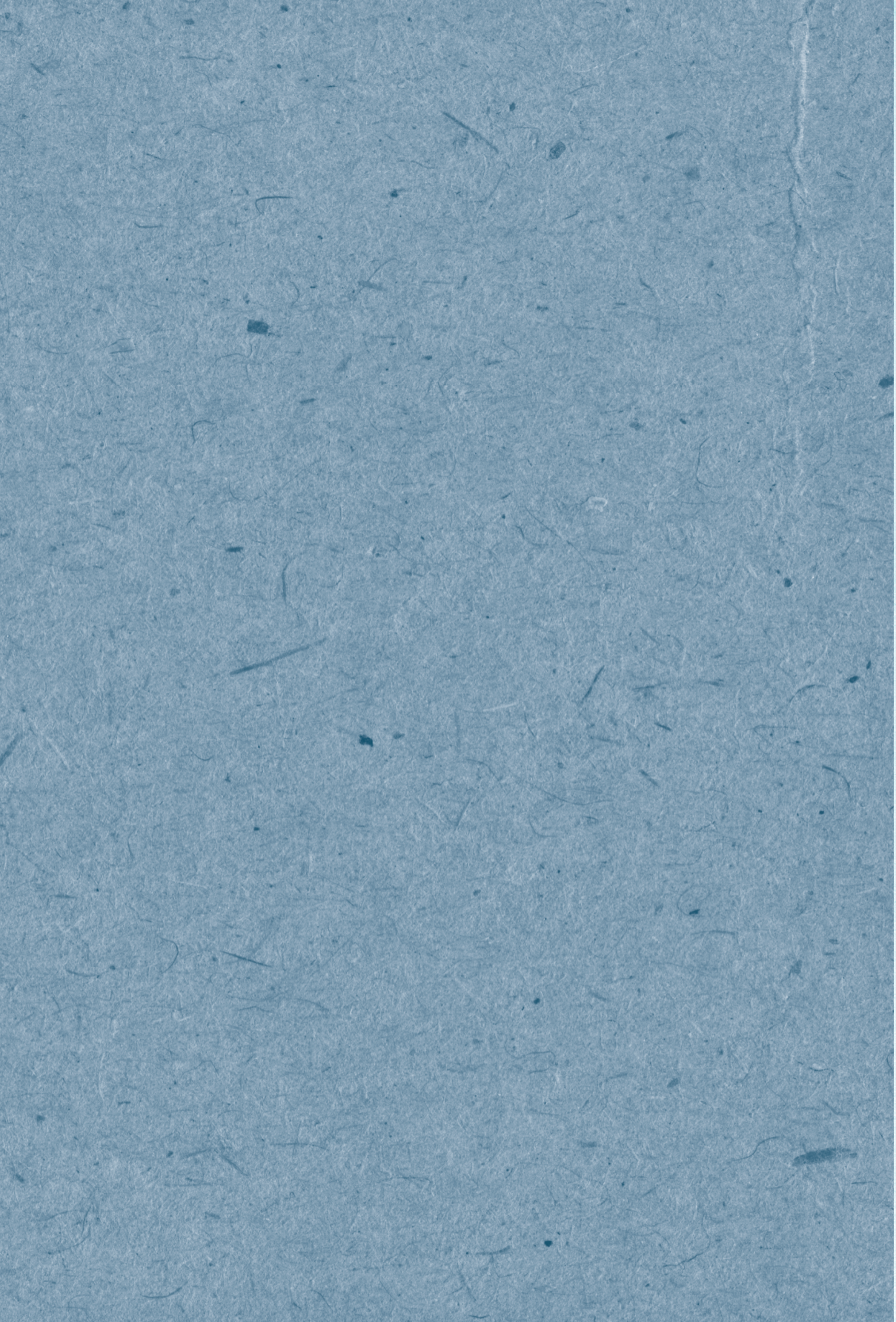




ORGULHO E PRECONCEITO





JANE AUSTEN

**ORGULHO E
PRECONCEITO**

Tradução
NATHÁLIA RONDAN

 **FARO
EDITORIAL**

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2023

COPYRIGHT © JANE AUSTEN, 1775 - 1817

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Assistente editorial **LETÍCIA CANEVER**

Preparação **PAMELA SILVA**

Revisão **BÁRBARA PARENTE E CIBELIH TORRES**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagem de capa **MAGDALENA RUSSOCKA | TREVILLION IMAGES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Jéssica de Oliveira Molinari CRB-8/9852

Austen, Jane, 1775-1817

Orgulho e preconceito / Jane Austen ; tradução de
Nathália Rondan. — São Paulo : Faro Editorial, 2023.
320 p.

ISBN 978-65-5957-262-5

Título original: Pride and prejudice

1. Ficção inglesa I. Título II. Rondan, Nathália

22-6930

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção inglesa



1ª edição brasileira: 2023

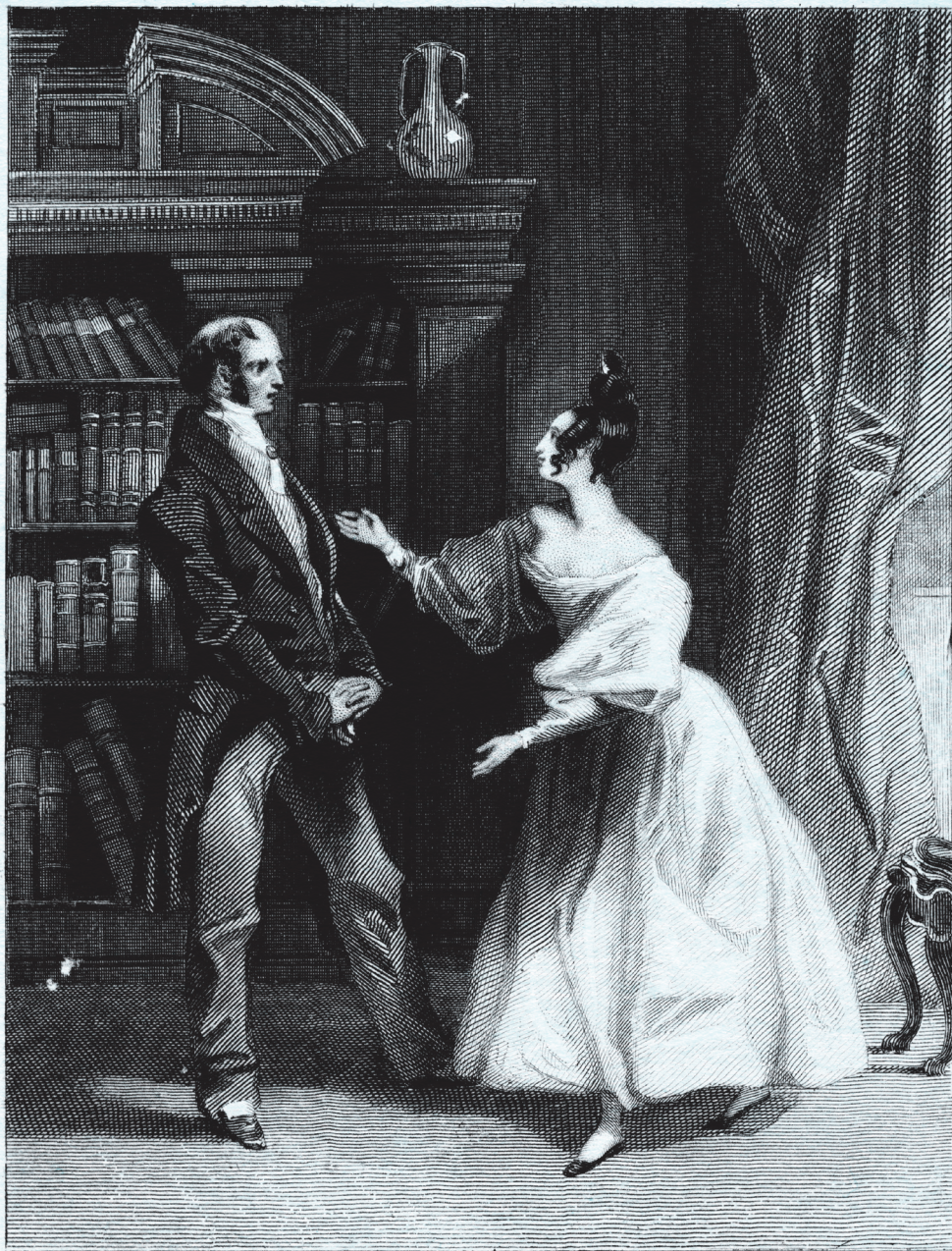
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 — Sala 310

Alphaville — Barueri — SP — Brasil

CEP: 06473-000

www.faroeditorial.com.br



Pickering, pinot.

Greatbatch, sculpt.

Uma das primeiras ilustrações de *Orgulho e Preconceito*: Elizabeth conta a seu pai que Mr. Darcy foi o responsável por unir Lydia e Wickham.

O estilo das roupas reflete a década de 1830, época em que a ilustração foi feita, não a época em que o romance foi escrito ou ambientado.



Página de título da primeira edição ilustrada, em 1833.
Lady Catherine confronta Elizabeth sobre Mr. Darcy.

APRESENTAÇÃO

por Eduardo Levy

O título original do livro que você tem em mãos era *primeiras impressões*, as quais, como mostra a obra, quase sempre estão equivocadas. É natural, portanto, que equivocadas também estejam as primeiras impressões que temos deste livro. Pois *Orgulho e Preconceito* não é nem uma representação de um mundo antigo que remonta a uma realidade morta e enterrada nem um romance água com açúcar para adolescentes, mas uma das reflexões mais maduras e complexas da história sobre a natureza do amor. Como todo clássico, esta obra fala a todas as pessoas em todos os tempos: é de nós que *Orgulho e Preconceito* trata.

Uma breve pesquisa na internet revelará que “relacionamentos” é um dos principais temas nos debates. Quase sempre, esse discurso vem na forma de regras de conduta que, embora sejam muitas e variadas, têm um objetivo em comum: manipular o outro e não se deixar manipular por ele, sem nunca, jamais, em hipótese alguma, ficar numa posição vulnerável. Se por um lado, os relacionamentos são orientados por uma visão ácida e muitas vezes egoísta, grande parte das comédias românticas e os romances populares apresentam-nos uma visão ingênua e simplista do amor. Enquanto lê a obra, o leitor pode ficar com a impressão de que *Orgulho e Preconceito*

partilha da visão cínica, ora de que partilha da visão ingênua, mas as duas impressões estão erradas.

A primeira frase do livro já confunde as impressões do leitor: “É uma verdade universalmente conhecida que um homem solteiro dotado de fortuna deve estar à procura de uma esposa”. Trata-se, é claro, de uma ironia: a “verdade universalmente conhecida” não é nem conhecida, nem universal, nem verdadeira, mas apenas reflexo de um desejo de Mrs. Bennet que, tendo cinco filhas solteiras que ficarão sem teto com a morte do pai, precisa desesperadamente encontrar-lhes maridos. A chegada de Mr. Bingley, “um jovem de grande fortuna”, a um casarão da vizinhança oferece a oportunidade perfeita para que pelo menos uma das moças desencalhe. Bingley será a estrela e o prêmio de um baile que acontecerá dentro de alguns dias.

O baile, porém, traz outra surpresa: Mr. Darcy, um amigo de Bingley que logo rouba-lhe todas as atenções. Além de ser mais rico que Bingley e vir de uma família melhor, Darcy também era, segundo as damas, “muito mais bonito” e chamava a atenção por “sua elegância e estatura alta, feições bonitas, aparência nobre”. Mas como as primeiras impressões costumam enganar, “seu comportamento causou tamanha repugnância que mudou o rumo de sua popularidade. Descobriu-se, por fim, que ele era orgulhoso, e nem toda a sua grande propriedade em Derbyshire poderia salvá-lo de seu semblante antipático e modos desagradáveis, tornando-o indigno de ser comparado com seu amigo”. Como se ainda não parecesse antipático o suficiente, Darcy faz questão de esnober Elizabeth, uma das filhas de Mrs. Bennet. Instado pelo amigo a convidá-la a uma dança, já que ela estava sem par, Darcy responde nos seguintes termos: “Ela é tolerável; mas não é bonita a ponto de me atrair; e não estou disposto no momento a dar atenção a moças desprezadas por outros homens”. Temos aqui o retrato de um homem orgulhoso, preconceituoso e, em suma, insuportável.

Quanto a Elizabeth, sua humilhação é completa, pois ela ouve tudo. Mas a compaixão do leitor pela pobre moça esnobada dura pouco. À medida que as páginas correm, o veneno sarcástico de sua

língua de víbora revela uma criatura que julga (e em geral condena) a tudo e a todos desde uma posição de superioridade olímpica que provém de um orgulho sem limites e resulta em preconceitos sem fim. A impressão é que Elizabeth não é menos insuportável que Darcy: que os dois fiquem juntos, pressentimos, é uma espécie de justiça cósmica, pois eles se merecem.

Mais uma vez, entretanto, as impressões que temos dos personagens da obra estão tão erradas quanto as que eles têm uns dos outros. O que o desenvolvimento da trama mostrará é que Darcy e Elizabeth são muito mais complexos e profundos do que supõem as nossas vãs primeiras impressões. Para que o amor possa surgir entre eles e dar frutos, ambos terão de lutar contra o orgulho e o preconceito que de fato têm e, superando-os, superar a si mesmos. *Orgulho e Preconceito* abarca, inverte e transcende todos os clichês sobre relacionamentos e amor: em vez de mudar o outro, Darcy e Elizabeth mudam a si mesmos; longe de brotar de uma sensação prazerosa imediata, o amor entre eles é resultado de um lento crescimento moral provocado por uma antipatia mútua; antes de proceder de um esforço para conquistar o outro, advém da admiração moral mútua de duas pessoas que conquistaram a si mesmas.

Só quando vencem o próprio orgulho e o próprio preconceito, indo além das primeiras impressões, é que Darcy e Elizabeth se tornam aptos a dar e a receber amor. Aqui não se trata nem de “encontrar a pessoa certa” nem de conquistá-la, mas de tornar-se uma pessoa certa e conquistar a si mesmo. Em *Orgulho e Preconceito*, o amor é resultado do amadurecimento e do crescimento moral: não é um produto da conquista do outro, mas o prêmio pela conquista de si mesmo.

Sob a forma de uma história divertida e perspicaz, a obra faz uma das reflexões mais profundas da história sobre a natureza do amor. O leitor farto da superficialidade com que se fala do tema no nosso tempo descobrirá que este livro velho de dois séculos é de uma atualidade urgente. Pois como todo clássico, *Orgulho e Preconceito* não é do nosso tempo, mas de todos os tempos.

